

## Pandemias, lutas e vitórias: saúde mental e as mães ancestrais da negritude

Regina Marques de Souza Oliveira

*Não é cova grande é cova medida  
É a terra que querias  
Ver dividida*

(Fragmento do poema Funeral de um  
Lavrador,  
João Cabral de Mello Neto, 1955)

*Quero lhe falar meu grande amor, das coisas  
que aprendi nos livros  
Quero lhe contar de tudo que aconteceu  
comigo*

(Alusão modificada da letra da música de Elis  
Regina “Como nossos pais”)

*Das mãos cansadas de esculpir sonhos. Do  
corpo arqueado pelo tempo  
Dos cabelos grisalhos que falam e anunciam  
os meus mais remotos enredos  
Das saias brancas rodadas na roda dos pés  
que cantam  
E enquanto dançam, rezam. Na certeza de  
melhores encantos, encantando promessas  
Cosme Damião e Nossa Senhora da Glória: -  
Mamãe Oxum me pega, me pega e me embala  
em seu colo! Sou menino pequeno. Sou  
Menininha do Gantois de Angola...  
Sou Cabocla Tupã na Mata. Arredio  
Boiadeiro na estrada: - Vim avisar que a cova  
é pronta...*

(Não) “é de bom tamanho, nem largo nem  
fundo, (não) é a parte que te cabe deste  
latifúndio...”

(Alusão modificada do poema Funeral de um  
Lavrador de João Cabral de Mello Neto, 1955)

[...] *O mar da história é agitado. As ameaças  
e as guerras, havemos de atravessá-las*

(Fragmento do poema *E então, o que quereis?*  
De Vladimir Maiakovski (1927),  
transformado em música por João Bosco e  
Aldir Blanc em 1992)

A terra em que depositam meu corpo negro-indígena, vulnerabilizado pela pobreza do massacre e do genocídio desde a Lei 3353 de 13 de maio de 1888 – tem apenas dois artigos:

Art. 1 – é declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil

Art. 2 – Revogam-se as disposições em contrário

É a parte da insignificância que me reservam. É a parte que me cabe neste latifúndio.

Apesar dos brancos terem também suas covas, são os negros-indígenas, no Brasil, que lutam com extrema artimanha de guerrilha, para não sucumbir à tragédia, que por vezes sucumbem...

“Houve uma morte e um crime (vários crimes). Há que se, por um tempo, silenciar.

O respeito a um corpo caído...: - Silêncio! Deve-se respeitar...

Daqui a pouco é sexta feira 13 (de maio). Dia Santo: - Peço a benção meu pai Oxalá!

Diz o Santo: Injustiça não fica assim não minha gente...! Vão pra casa descansar...Pôr a cabeça no travesseiro...Quem não tem achará lugar...O sono dos justos é sereno...reunir forças pra levantar! Não se avexem não meus pequenos, Nanã, Iemanjá, Oxum, Iansã e Ewá *tão* vendo...Muitas águas vão rolar!!!”<sup>1</sup>

E diante da morte, da COVID que nos nega a sorte, chega findada a morte, depois da vida Severina. Chega ao norte, na elevação da colina:

“Temos de conduzir nossa luta para sempre no alto plano da dignidade e da disciplina. Não devemos deixar nosso protesto criativo degenerar em violência física. Precisamos nos erguer sempre e mais uma vez à altura majestosa de combater a força física com a força da alma”<sup>2</sup>

Tem que morrer pra germinar... Por isso mesmo é que há de haver mais compaixão<sup>3</sup>.

E eu nasci das mãos do Divino

Plantada de sangue e mel

E eu nasci dos cantos dos pássaros

Do riso das flores

Dos ventres sem ninhos

Dos abismos onde as pontes se estiram sob o Sol

A população negra indígena brasileira é guerreira. Resistência que não pára.

---

<sup>1</sup> Poema Ecos do Impeachment em Paris. In: Psicologias e pedagogias em quilombos: conquistas e novos desafios, de Regina Marques, Cruz das Almas: EDUFRB, 2019.

<sup>2</sup> Trecho do discurso “I have dream” de Martin Luther King, 1963.

<sup>3</sup> Trecho da música Drão de Gilberto Gil

Descansa e chora

Eri Yéyé ó !!! Mamãe Oxum, a Deusa do Amor, chora...

Mas mesmo que tarde a aurora, haveremos de levantar... O SARS-CoV-2 haveremos de superar!

“Oh Sol, venha clarear, a Terra e o Mar, com seu calor

Enxugando orvalho que dos galhos, rolam como lágrimas de amor”<sup>4</sup>

Anne Zingha, rainha de Angola, que se opôs e lutou contra a invasão portuguesa, Ndete Yalla, Rainha do Reino das terras entre Senegal e Gâmbia, foi a mulher mais poderosa do século XIX, que enfrentou a colonização francesa e a invasão moura, as guerreiras amazonas do Daomé, generais africanas (SERBIN, 2019), reatualizadas no filme Panteras Negras (2017), que se opuseram contra a barbárie dos europeus no continente africano, são as materialidades perenes existentes no Orum e que habitam o Aiyê nas mãos das Negras Baianas de Acarajé. E nas mãos das Indígenas, Caboclas, do Cuscuz de Carimã!

Dona Rosa, na esquina da encruzilhada da Feira Livre Municipal de Santo Antônio de Jesus, quando no decreto municipal de retirada dos ambulantes das ruas e comércio da cidade, simplesmente virou o caldeirão de dendê quente no fiscal municipal.

Todos os homens negros e brancos, mais jovens que ela já haviam aceitado a legislação e retirado sua barraca das ruas. Dona Rosa, assim como as rainhas negras de África, com sua roupa branca e turbante rendado, em seu corpo frágil e esguio ameaça todo o front. O seu tabuleiro permanece, a despeito de todos os outros.

Mães ancestrais da negritude:

Que ninam seus filhos no colo

Que sabem ninar menino alheio

Mães ancestrais da negritude

Que limpam e cuidam de nossos talentos

Mães ancestrais da negritude

Que sabem do valor da higiene das mãos... e do coração...onde a bondade e o amor devem imperar. Mãos e coração limpo: - Coração Santo, tu reinarás! O nosso Encanto, sempre serás! Epá Babá!

Mães ancestrais da negritude – Senhora Aparecida Negra do Brasil

---

<sup>4</sup> Trecho do Refrão do Samba Enredo O Sol a Luz da Vida, da Escola de Samba Paulista Unidos do Peruche em 1987.

Nas ciências das ervas medicinais. Na oração e na reza das parteiras a cantar  
Para dar a Luz à todo aquele que nascer. Solidariedade, em pandemias, tem que ter!  
E que todo menino indígena, negro e branco há de saber, que mais de uma mãe assim  
ele terá: Humanidade deve se irmanar! É o que as Deusas Mães nos ensinam em todos  
os tempos e nas pandemias! Vamos vencer o desamor. A doença por isso chegou. A  
bondade virá resgatar. O Rio que é Oxum, encontra o Mar de Iemanjá. Prosseguimento  
do Mangue de Nanã, berçário da vida. Na Floresta Indígenas Guerreiras: Yara a cantar.  
Iansã voa no ar, encantando o Vento, para o vírus erradicar. Ewá surge e se vai na  
aurora, saúda a Flora que a indígena Itapiranga, erva santa vai ensinar! Todos, pelo  
amor, vão se curar!

Mães ancestrais da negritude: - Nosso canto é dos orixás do mar, que dominam a  
tempestade dos rios. Tempestade há de passar!

Mães Ancestrais da Negritude: - Estamos no comando dos tempos! Atravessando  
fronteiras, como generais guerreiras, na conquista do espaço. Na ciência, no Brasil e no  
mundo.

Na NASA, as mulheres cientistas matemáticas negras que possibilitaram os avanços dos  
EUA para ida a Lua, Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, são figuras  
reluzentes em nossas vidas. Se as queriam esquecidas, sim, elas são em nós muito vivas.  
Virgínia Leone Bicudo, mulher negra psicanalista, fundou a IPA – Associação  
Internacional de Psicanálise em São Paulo e Brasília. Colocando o Brasil no topo dos  
estudos em psicanálise como nas realidades europeias inauguralmente fundada por  
Freud e Jung em Nuremberg, em 1910.

Na política, Marielle Franco, poderia ser, se não fosse sacrificada, uma grande  
esperança para os destinos do Brasil, assim como as boas mães negras sabem ser.

De Luiza Mahin a Sueli Carneiro, de Nefertiti à Cleópatra, a rainha africana da grande  
civilização do Rio Nilo, somos tantas e tantas, que nomes nesta lista infinita de  
guerreiras nas ciências, literatura, música, pintura, esporte, política, enfim, muitas são  
visíveis a despeito das ironias e maledicências que a sociedade estruturalmente branca  
insistem em nos ocultar. *Carolinas e Evaristos*, vão escrever e registrar!

Enfim, muitos corpos negros e indígenas pela COVID vão perecer.

Mas Nanã, a Grande Mãe, vai nos acolher, para a vida renascer. E enquanto isto, as  
guerreiras de hoje, de ontem e de sempre estarão presentes, cuidando para a vida  
prosperar e crescer! Hoje chove. Mas nossas mãos e nossas mães negras, plantam um  
futuro de paz!

Sempre haveremos de trazer, como Conceição, nas palmas das mãos: as pedras retiradas do meio do caminho. Nossas mãos são calejadas e fortes. Traçaremos a nossa roda giratória, em que os de ontem, os de hoje, e os de amanhã se reconhecem nos pedaços uns dos outros, inteiros (EVARISTO, 2017). Nunca estaremos ausentes. Ainda que mortos, vivos se farão presentes.

Como ensinou recentemente o Babalorixá Rui do Carmo Póvoas, no aniversário da Ekéde Marise de Santana no Dia das Mães, Deusas da Oxum, Deusas do Amor: - Eles nos avisaram! É tempo de rezar, de muita prece e oração, no pico do meio dia, no início do dia e na entrada da noite. Os tempos serão difíceis. Eles disseram que tínhamos que nos preparar...

Nossas Mães Ancestrais da Negritude nos ensinam a rezar, a lutar e a vencer:

- Orô mi má, Orô mi maiô, Oro mi maiô, Yabadô Oyeyeo!

- Deus é o Mar, Deus é o Maior, Deus é o Maior, me ajudou a vencer!<sup>5</sup>

## Referências

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. *Psicologias, pedagogias e tecnologias em quilombos: conquistas e novos desafios*. Cruz das Almas, EDUFRB, 2019.

SERBIN, Sylvia. *Reines d'Afrique e héroines de la diáspora noire*. Paris: MeduNeter, 2018.

---

<sup>5</sup> Canto para Oxum (Oro Mi maio') – Bantos do Iguape, Cachoeira/BA – Brasil.